

E do nada fizeram uma grande cidade

Os pioneiros foram arrancados de favelas e despejados numa área coberta de matagal. Muitos esperaram 14 anos a posse dos lotes

Ana Helena Paixão
Da equipe do **Correio**

A jornada tem início em 1971, com a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI). Nasceu assim o que futuramente se transformaria em Ceilândia — uma cidade com aproximadamente 360 mil habitantes e que ontem completou 28 anos. Pessoas remanescentes das vilas do IAPI, Tenório, Esperança, Bernardo Sayão, Colombo; dos morros do Urubu e do Querosene; da Placa da Mercedes e do Curral das Éguas são o elo da cidade atual com o passado de caminhões que despejavam madeira e gente no meio do cerrado além-Taguatinga. Elas foram arrancadas das favelas, que formavam um bolsão de pobreza às portas da capital, e lançadas ao tempo para do nada criarem uma cidade.

Mais que qualquer outro motivo, a teimosia e a organização garantiram que aquele aglomerado de gen-

te, tábuas e problemas não desaparecesse numa nuvem de poeira. É no relato de experiências pessoais, durante os anos de construção, que se entende por que a cidade resistiu, cresceu e finalmente deu certo.

MOBILIZAÇÃO POPULAR

“Fomos abandonados à própria sorte”. Essa é a primeira frase que vem à cabeça de pioneiros de Ceilândia, ao relembra-rem o começo da cidade. Eles chegaram a uma área de cerrado rasteiro, sem qualquer infraestrutura. “Sequer passaram uma máquina para abrir as ruas. Os lotes eram demarcados por estacas. Tivemos que fazer todo o trabalho. Capinar, erguer os muros, construir nossas casas”, relata Eurípedes Camargo, 48 anos, um pioneiro que chegou a Ceilândia com 18 anos de idade, lutou para ver a “favela” virar cidade, se casou aos 30 anos — com a também pioneira Maria Darci Camargo, com quem

Reprodução



BATALHADORES

O Movimento dos Incansáveis conseguiu reunir mais de 5 mil pessoas em frente à sua sede, para discutir a questão da posse e dos preços dos lotes

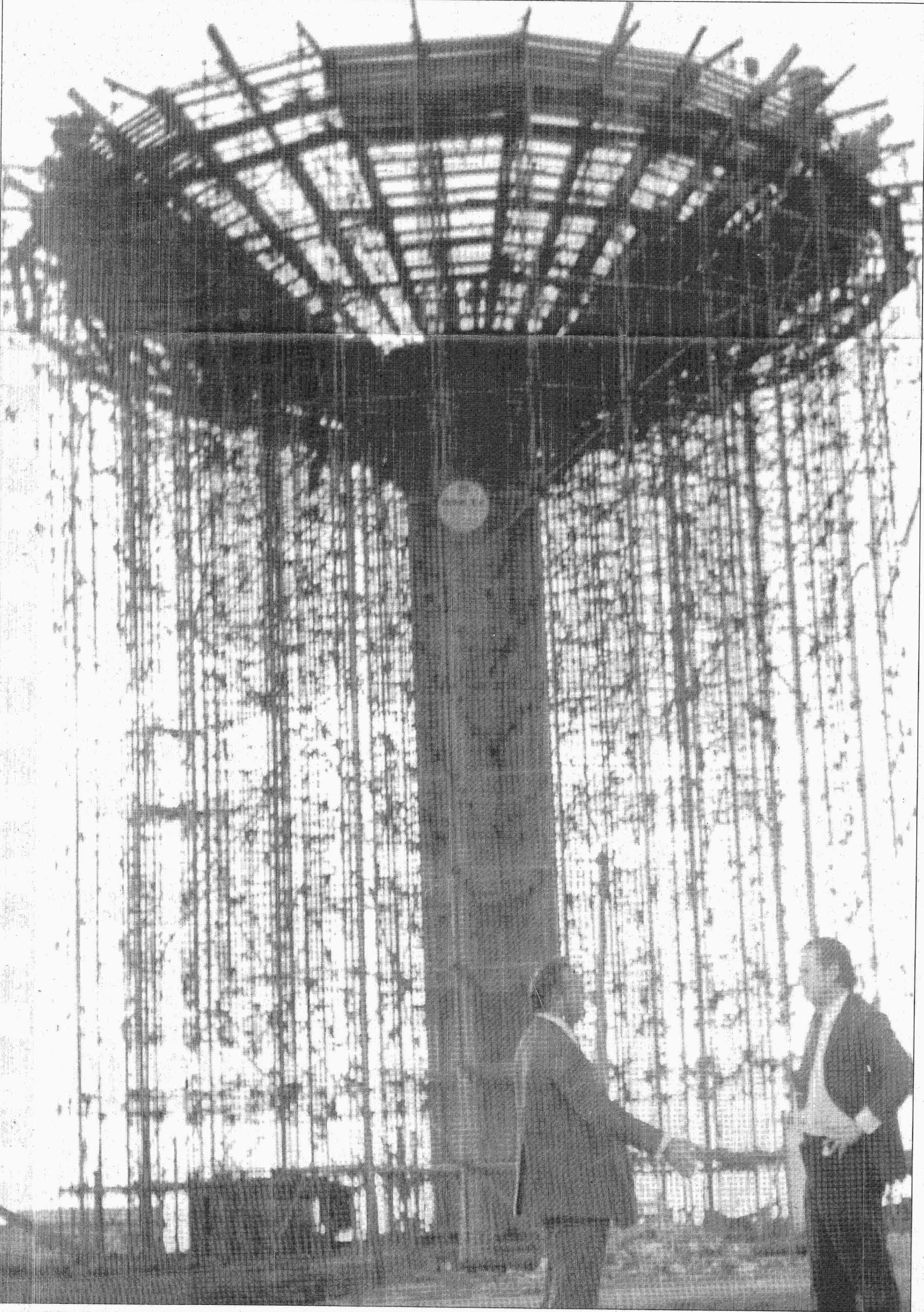
teve seu único filho, Elcio Galdino Pereira Camargo, 14 anos. Antigo morador da Vila do IAPI, ele chegou a Ceilândia (em 1971) junto com 15 mil e 700 famílias removidas da mesma favela, próxima ao Núcleo Bandeirante. Eurípedes seria, mais tarde, deputado distrital pelo PT?DF. O mais doloroso no período de transferência — opina — foi a quebra dos vínculos comunitários.

Vizinhos da Vila IAPI “ganharam” lotes afastados. “Quando chegamos, não conhecíamos mais ninguém”. Sorte que os lotes foram entregues pela ordem alfabética de seus ganhadores. Existiam a rua do Francisco, a do João, a da Maria e assim por diante. “Sempre tive dificuldade de decorar nomes. Para mim, isso era ótimo. Chamava um de seu Chico e tava tudo certo”, brinca.

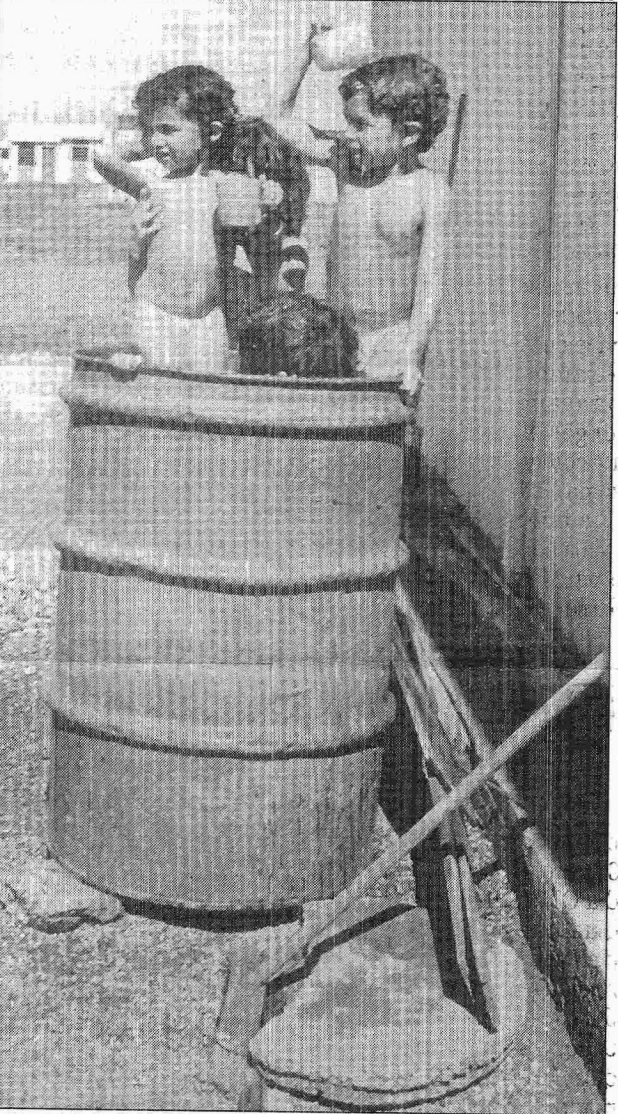
Mas a distância dos amigos criou a necessidade de nova organização comunitária. Se não fosse essa organização, Ceilândia poderia continuar até bem recentemente com os mesmos problemas de quando foi criada. Exagero? Não, quando dito por quem se lembra das brigas por uma lata d’água, dos afogamentos em buracos de erosão e da guerra para conseguir mais linhas de ônibus para a recém-nascida cidade. “Houve morte nas filas para encher latas com a água que chegava nos carros-pipa. Eram mais de 300 pessoas. Também tinha briga entre vizinhos quando os moleques tomavam banho, de madrugada, no barril de água da casa ao lado”, conta o ex-serralheiro e ex-deputado distrital, que hoje é autônomo e sonha em abrir um mercadinho. As melhorias surgiram, em parte, graças ao trabalho de vizinhos que se reuniam na Paróquia da Ressurreição e na Ação Cristã Pró-Gente — uma organização não-governamental (ONG) formada pelos moradores ainda em 1971. Eurípedes se juntou ao segundo grupo em 1973. “Percebemos que não podíamos esperar pela ajuda do governo. Estávamos abandonados. Resolvemos agir”, resume. Aos poucos, os primeiros resultados foram alcançados. Em 1977, chegou água encanada. A população aju-

dou, abrindo as valas para a passagem dos canos. O asfalto também começou a chegar. Mas as quadras 19, 21 e 23 de Ceilândia Norte só foram beneficiadas em 1991. O problema maior era a regularização dos lotes — o governo tentou aumentar o preço para os moradores que ainda não tinham a posse de seus terrenos. A batalha resultou na formação do Movimento dos Incansáveis de Ceilândia, que conseguiu reunir mais de 5 mil pessoas em frente à sua sede (na QNN 21 Conjunto P casa 4), para discutir a questão fundiária. “Concluimos que era um processo de expulsão dos moradores. Superfaturaram o preço dos lotes. Quem não tinha dinheiro para pagar tinha que sair da cidade. Lutamos até reverter isso”, conta Eurípedes. Grande parte dos ceilandenses esperou 14 anos para ter a posse dos lotes que ocupava. A regularização dos terrenos só ocorreu em 1985. Mas a história dos Incansáveis continua. O grupo ainda se reúne na mesma sede — um barraco simples, de madeira, aberto à comunidade. Depois da questão fundiária, os moradores lutaram pela urbanização da cidade, pela regularização do comércio de fundo de quintal e, agora, insistem na aprovação do Plano Diretor Local (PDL) de Ceilândia, empacado na Câmara Legislativa.

Reprodução



Reprodução



AO AR LIVRE

Sem banheiros e sem água encanada, as crianças tomavam banho em tambores, o que para elas era uma grande festa

Reprodução



LÍDER

Eurípedes foi fundador do Movimento dos Incansáveis e sua liderança lhe valeu um cargo de deputado distrital

DIA DE FESTA

HOJE

8h
Minimaratona, na Via M-1, com largada e chegada em frente à sede da Administração Regional

8h30
Final dos torneios esportivos, na Praça do Trabalhador (QNM-13 - AE), Ceilândia Sul

9h às 17h
Rua de lazer, com torneios poliesportivos, na Via M-1, em frente à Administração

A partir das 9h
Torneio de futebol feminino, masculino, sinuca, dominó e

golzinho - Praça da QNQ 4. Premiação às 17h (organização: PSB)

18h
Show de Pagode na QNM 05 (organização: PSB)

Das 10h às 16h
Roda de capoeira do Grupo Sol Nascente de Ceilândia (Mestre Romeu). Participação de mestres da Bahia, Goiás, Minas Gerais, Piauí e Paraná.

17h
Show de encerramento da programação de aniversário, na Praça do Trabalhador (QNM-13 - AE), Ceilândia Sul.

MARCA REGISTRADA

A caixa d’água de Ceilândia tornou-se o símbolo da vitória de uma das grandes reivindicações do povo, que aguardava a chegada de caminhões-pipa como se fossem a salvação da própria vida. Há notícias até de brigas violentas entre moradores, na disputa da água que esses veículos transportavam